



Foto: CPB

Tênis em Cadeira de Rodas



MINISTÉRIO DO
ESPORTE



Entenda

O tênis em cadeira de rodas é um paradesporto que exige tempo de reação apurado, desenvolvendo valências, como agilidade, técnica força e resistência muscular. Sua similaridade com o tênis convencional é tanta que a única regra que notoriamente os diferencia é a quantidade dos quiques da bola. Na modalidade adaptada são possíveis até dois toques da bola no solo antes que o atleta a golpeie (na convencional apenas um quique, no máximo, é permitido): o primeiro pode ocorrer dentro da área de jogo e o segundo em qualquer lugar da quadra. Tal adaptação foi feita a fim de manter o dinamismo da



Exemplo de cadeira de rodas adaptada à prática do tênis adaptado. Disponível em: <<http://www.propagandadebolsa.com/2012/12/o-projeto-tenis-em-cadeira-de-rodas.html>>

partida, característica já presente na modalidade original. Outras sutis alterações relacionam-se à cadeira de rodas. Esta é consideravelmente mais leve que as convencionais, possui rodas inclinadas e adicionais – duas na parte anterior e uma na parte posterior – que possibilitam maior estabilidade e movimentação do paratleta. Além disso, há também cintos de segurança para evitar os desequilíbrios e as quedas do competidor.

A quadra é idêntica à da modalidade olímpica. Possui 23.77 m de comprimento, 8.23 m de largura de área válida em partidas simples, 10.97 m de largura de área válida em partidas

entre duplas; a altura da rede é de 1.07 m e as marcações também são as mesmas. Em relação às raquetes e às bolas, não há diferenciação entre as duas variantes, assim como os golpes que são idênticos: *top spin*, *slice*, voleio, *smash* e saque. Neste último, embora o paratleta deva golpear a bola de uma posição estática, é possível uma impulsão da cadeira de rodas antes da batida nessa.

Para ser atleta deste paradesporto é necessária perda/redução de mobilidade através do comprometimento de membros inferiores (apenas em um ou nos dois). Atualmente existem duas classes distintas: *open*, na qual qualquer paratleta com deficiência de um ou dois membros inferiores pode competir; e *quad*, destinada a competidores com comprometimento de, no mínimo, três extremidades. Nas paralimpíadas ocorrem as seguintes provas: masculino individual, masculino dupla, feminina individual, feminina dupla, misto individual e misto dupla. Todas as partidas são disputas em até três sets.

O tênis em cadeira de rodas promove a superação do paratleta tanto nas quadras quanto nas atividades do cotidiano. Gera independência, desenvolve a concentração, melhora a qualidade de vida e acentua o bem estar.

Midiático como a modalidade olímpica

Em 1976, Brad Parks – um esquiador que após um acidente ficou paraplégico – e o paratleta Jeff Minnenbraker desenvolveram a modalidade adaptada do tênis olímpico, nos Estados Unidos da América (EUA): o tênis em cadeira de rodas. Já em 1977 realizou-se o primeiro torneio, em Los Angeles, Califórnia, do qual participaram cerca de 20 competidores. Na década de 1980, foi criada a *National Foundation of Wheelchair Tennis* (NFWT) e possibilitou-se um circuito que contou com o primeiro *US Open Wheelchair Tennis Championships*. Em 1981, além da criação da *Wheelchair Tennis Player Association* (WTPA), aconteceu o primeiro *Grand Prix Circuit*, seguido da expansão da modalidade para a Europa e Austrália. Dois anos após, no *Open D'Antony*, na França, ocorreu a estreia da modalidade em um torneio de nível internacional. Devido ao processo de expansão, em 1984, a *Everest and Jennings* – produtora de cadeira de rodas – resolveu patrocinar esse paradesporto, que crescia cada vez mais, tanto que já havia se tornado

popular até no Japão. Em 1987 foi inserido nos Jogos de Stoke Mandeville no qual participaram 37 paratletas (30 homens e sete mulheres). No ano seguinte, houve a fundação da *International Wheelchair Tennis Federation* (IWTF), durante o *US Open*. Esta, a partir de 1991, tornou-se parte da *International Tennis Federation* (ITF) que é a atual organizadora e regulamentadora da modalidade.

Em relação às parolimpíadas, o tênis em cadeira de rodas estreou nos Jogos de Seul (1988) em caráter demonstrativo. Na Parolimpíada seguinte – Barcelona, 1992 – surgiu como esporte oficial representado por 48 competidores (32 homens e 16 mulheres), de 16 países, em quatro categorias: masculino individual, masculino dupla, feminino individual e feminino dupla. Outro megaevento paradesportivo que surgiu em 1992 foi o *ITF Wheelchair Tennis Tour*. Na época, era constituído de um circuito com onze torneios, mas, atualmente, conta com cerca de 160. O patrocinador inicial desse evento era a *NEC Corporation* – uma empresa que desenvolve a integração de tecnologias e rede – porém, em 2014, foi substituído pela UNIQLO – uma marca japonesa de roupas em franco crescimento no Japão, Europa e EUA.

Assim como no tênis olímpico, o parolímpico recebe incentivo de grandes marcas que se dispõem a patrocinar e divulgar o esporte. Isto é associada, principalmente, a sua capacidade de espetacularização. Os espectadores gostam de apreciar ambas as modalidades (olímpica e parolímpica) e sentem-se impelidos a consumir o que os atletas usam e divulgam. Desta maneira, as marcas patrocinadoras são beneficiadas havendo um aumento de suas vendas e de seus lucros. Outra característica que esse paradesporto divide com o tênis convencional é o alto valor dos prêmios que oferece aos seus paratletas, traçadas as devidas proporções originárias da cobertura midiática e da longevidade e tradicionalismo dos torneios do tênis convencional. Atualmente, a premiação do circuito mundial de tênis em cadeira de rodas está na faixa dos 600 mil dólares.

Trajetória parolímpica

A participação do tênis em cadeira de rodas em parolimpíadas começou em Seul (1988). Nesta ocasião, apenas como exibição, sem disputas de medalhas. Esta edição dos Jogos foi um marco importante para a modalidade e também para a história do esporte. Rivalidades que ultrapassaram o campo político voltariam a ocorrer no campo esportivo. Seul marcou o fim dos boicotes que vinham acontecendo desde Montreal (1976), edição na qual os africanos não participaram, seguido por Moscou (1980) com o boicote dos norte-americanos e Los Angeles (1984) onde os soviéticos não compareceram. A edição também é conhecida pelo início do formato que têm-se hoje no que se refere à disputa das olimpíadas e das parolimpíadas no mesmo local.

1992. Nos Jogos de Barcelona, o tênis em cadeira de rodas teve a sua inserção oficial no evento com a participação de homens e mulheres, o que é incomum no esporte, visto que as mulheres repetidas vezes têm a sua inserção tardia. Quando fala-se de tênis em cadeira de rodas feminino automaticamente a referência é o conjunto das representantes da Holanda. Desde a primeira participação em Barcelona até a última em Londres (2012) o grupo nunca esteve fora do pódio e o mais impressionante é que em todas as edições o selecionado feminino conquistou ao menos uma medalha de ouro. O fato demonstra uma hegemonia inquestionável que se perpetua até os dias atuais. Bem atrás das holandesas tem-se a França, o Japão e a Grã-Bretanha, que também obtiveram bons resultados. Nas disputas masculinas não é possível observar essa prevalência. Os holandeses também deixaram a sua marcar, alternando grandes conquistas com Japão, França, Suécia e EUA. Quando se observa o tênis em cadeira de rodas de uma maneira ampla, a Holanda é a grande potência em evidência, tendo conquistado o primeiro lugar geral na modalidade em todas as edições dos jogos parolímpicos. A expectativa que fica é se essa soberania irá prosseguir nos Jogos do Rio de Janeiro (2016).

Fez história



Ex-paratleta Esther Vergeer. Disponível em:

<http://edition.cnn.com/2015/02/17/tennis/the-career-of-invincible-esther-vergeer/>

A holandesa Esther Vergeer, nascida em 1981, em Woerden (Países Baixos), brilhou a história esportiva do seu país com a sua notória carreira no tênis em cadeira de rodas. Foram 20 anos de muitas conquistas, iniciadas profissionalmente em 1995. A atleta teve complicações vasculares aos oito anos de idade, que resultaram na imobilidade de seus membros inferiores. Vergeer, superando a dificuldade, tornou-se invencível no tênis em cadeiras de rodas durante dez anos – marca que iniciou em 2003 e é considerada o maior tempo em todos os esportes – totalizando 470 vitórias. Titulada

13 anos consecutivos como a melhor atleta do paradesporto pela ITF, conquistou quatro vezes a medalha de ouro paralímpica, na categoria simples – Sydney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008) e Londres (2012). Já na categoria duplas também ganhou ouro em Sydney (2000) e Atenas (2004) e somente uma medalha de prata em Pequim (2008), na mesma categoria. Tais conquistas, renderam-lhe cinco indicações para o prêmio *Laureus World Sports Awards* (patrocinado por grandes empresas como Mercedes-Benz, o evento nomeia os melhores atletas do mundo, anualmente), ganhando nas edições de 2002 e 2008. Um ano após vencer a Paralimpíadas de Londres, a atleta com seus 32 anos resolveu se aposentar, pois, segundo entrevista à CNN, não suportava mais a pressão que crescia junto com as suas vitórias e queria começar uma nova carreira profissional. Em 2014, lançou a sua biografia: *Fierce and Vulnerable*, no *US Open*. Atualmente Vergeer é responsável pela fundação que leva o seu nome, instituição encarregada de incentivar jovens e crianças deficientes a ingressar no mundo dos esportes, pois a ex-paratleta aposta no desenvolvimento e o devido reconhecimento do esporte paralímpico no futuro.

Potência paralímpica



Shingo Kunieda com a medalha de ouro em Londres 2012 Disponível em:
<http://ayreshotels.com>

Tanto a Holanda, quanto o Japão seguem se destacando no cenário competitivo paralímpico de tênis em cadeira de rodas, desde a introdução da modalidade (ainda sem valer medalhas no quadro geral) nos jogos paralímpicos – em Seul, 1988.

A seleção japonesa, atualmente se encontra no topo do ranking mundial, dominando as competições de simples masculina com Shingo Kunieda, bicampeão paralímpico no individual masculino (Pequim, 2008 e Londres, 2012) e *Grand Slam* (individual e duplas).

Já a seleção holandesa apresenta considerável prestígio nas categorias simples e em duplas feminina, conquistando todas as disputas realizadas, adquirindo assim, o notório resultado de 12 primeiros lugares. Tanto que se espera um confronto equilibrado nessa modalidade por parte dessas duas grandes potências nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

De olho neles



Paratelta Stéphane Houdet, na semi-final dos Jogos Paralímpicos de Londres, 2012. Disponível em: <http://www.francetvinfo.fr/sports/tennis/roland-garros/roland-garros-le-francais-stephane-houdet-vainqueur-en-tennis-fauteuil_342430.html>

promissora carreira no tênis em cadeira de rodas. Nesse mesmo ano sagrou-se medalhista de ouro nos Jogos Paralímpicos de Pequim; em 2012 medalhou com prata na categoria simples e bronze na categoria dupla. Obteve ouro no Mundial *French Open*, na categoria dupla, nos seguintes anos – 2009, 2010, 2013 e 2014, e em 2012 na categoria simples. No *US Open* também ganhou nos anos 2009, 2011, 2013, 2014. No *Australian Open* de 2010, 2014, 2015; e atleta do ano em 2010; entre vários outros títulos de torneios de segunda grandeza. Totalizando, assim, 61 torneios vencidos.

Considerada melhor tenista cadeirante do Japão, Yuri Kamiji, nasceu em 1994 na cidade de Akashi. Com espinha bífida (uma má formação congênita), Kamiji encontrou no esporte um meio para enfrentar sua debilidade. Incentivada por sua mãe, começou no paradesporto aos onze anos de idade. Aos 14 anos participou do *Japan Open*, em 2008, onde conheceu Esther Vergeer, que afirmou que Yuri teria um futuro brilhante. Foi o início da sua promissora carreira. Em 2013 venceu as *NEC Wheelchair Tennis Masters*. Em 2014 venceu o *Australian Open*, fato que se repetiu em 2015 e 2016, na categoria duplas. Provavelmente, Yuri participará dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (2016), com grandes chances ao ouro.



Paratleta Yuri Kamiji. Disponível em: <<http://www.copadavis.com/news/182988.aspx>>

Desenvolvimento e busca de resultados

Após aproximadamente dez anos do surgimento do tênis em cadeira de rodas nos EUA, em 1976, a modalidade chegou ao Brasil. Não é possível falar sobre o tênis em cadeira de rodas no Brasil sem citar o nome de José Carlos Moraes. Ele foi muito importante para o desenvolvimento do paradesporto. A sua história com o tênis vem desde os doze anos de idade e parecia ter chegado ao fim quando com 25 anos ficou paraplégico. Mesmo após este fato, Moraes se manteve no meio esportivo, mas, desta vez, no basquete em cadeira de rodas. Em pouco tempo se destacou chegando à seleção brasileira da modalidade. E foi através do basquete, que José Carlos se reencontrou com o tênis: em uma viagem para disputar o Campeonato Mundial de Stocke Mandeville na Inglaterra em 1985, ele conheceu e experimentou o tênis em cadeira de rodas e depois de golpear a bolinha algumas vezes percebeu que poderia voltar a jogar tênis, o seu esporte predileto.

Assim foi. Moraes voltou ao Brasil e começou a praticar o paradesporto, porém sem uma cadeira adaptada à modalidade, ele teve dificuldades, decidindo então ir para os EUA. Após um curto período fora do Brasil, José Carlos adquiriu a cadeira adaptada e mais conhecimentos sobre o paradesporto e então voltou ao país de origem com o intuito de difundir a modalidade. Passou pelas cidades do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Curitiba, apresentando o esporte e buscando novos adeptos. Desde então, lentamente, as coisas começaram a acontecer: em 1987 o Brasil participou do primeiro mundial de tênis em cadeira de

rodas. Em 1988, em Niterói, no Rio de Janeiro, foi formada a primeira escola da modalidade. Nesta mesma cidade ocorreu o primeiro torneio nacional e assim o tênis em cadeira de rodas começou a se desenvolver no país.

Os anos 1990 necessitou de muito empenho não só para desenvolver os atletas, mas também todo o corpo necessário para o profissionalismo da modalidade, isto é, capacitar técnicos, equipe de apoio, gestores, etc. Os esforços deram resultado e em Atlanta (1996) o Brasil teve a sua primeira participação em Paralimpíadas com representantes no tênis em cadeira de rodas, foram eles José Carlos Moraes e Francisco Reis. O Brasil conseguiu uma vaga novamente somente para participar dos Jogos em Atenas (2004), neste mesmo ano a modalidade filiou-se ao Comitê Paralímpico Brasileiro, tendo, desta forma, mais recursos para o desenvolvimento do esporte. É válido ressaltar a importância de duas mulheres, Rejane Cândida e Samanta Almeida, representantes femininas no tênis em cadeira de rodas e medalhistas de prata nos Jogos Parapan-Americanos no Rio de Janeiro em 2007. Atualmente os destaques brasileiros são Natalia Mayara e Daniel Rodrigues, prováveis nomes nas Paralimpíadas do Rio de Janeiro 2016, pois ambos obtiveram bons resultados nos principais torneios do paradesporto, como por exemplo: Brasília Open de tênis em cadeira de rodas, Marie e Jean de tênis em cadeira de rodas, o Circuito Brasileiro de tênis em cadeira de rodas e a Copa do Mundo de tênis em cadeira de rodas. Sendo assim, as expectativas são otimistas e certamente o Brasil estará sendo bem representado.

Nosso destaque



Paratleta Natalia Mayara, no Parapan-Americano Toronto, 2015. Disponível em: <<http://www.bodytech.com.br/Blog/15-08-28/performance/uma-historia-de-superacao-conheca-a-paratleta-natalia-mayara>>

A recifense “arretada” Natalia Mayara, como ela mesma se define, nascida em 1994, tem orgulho de representar o povo nordestino no paradesporto, com a vaga garantida nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (2016). Aos dois anos de idade sofreu um acidente terrível: quando estava nos braços de sua mãe esperando no ponto de ônibus, o motorista do veículo subiu a calçada e a atropelou, esmagando as suas duas pernas. As chances de Natalia sobreviver ao acidente eram pouquíssimas, mas mesmo tão pequena conseguiu vencer esse enorme desafio. Mudou-se para Brasília aos oito anos de idade, onde teve seu primeiro contato com o esporte adaptado, iniciando com a natação.

Mas foi aos 12 anos que decidiu praticar a sua verdadeira paixão, o tênis. Entrou na liga adulta e ficou na 27ª **posição** no ranking ITF, subindo cinco posições no ano seguinte. Em 2011 participou dos Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara, mas não obteve nenhuma colocação. Em 2012, participou dos Jogos Paralímpicos de Londres, sendo a primeira atleta feminina brasileira do tênis de cadeira de rodas a participar de uma edição, mas também não obteve colocação relevante. Sua rotina de treinos no Clube Cota Mil, da Capital Federal, após 2012 passou a ser mais intensa, pois além de treinar três vezes na semana de três a quatro horas, faz semanalmente academia duas vezes e uma sessão de treino de respiração e relaxamento na piscina. Em 2015, ganhou duas medalhas de ouro no Parapan-Americano em Toronto, na categoria dupla e na categoria simples. Se tudo ocorrer como o esperado, Natalia aparecerá no pódio dos Jogos do Rio de Janeiro.

Para saber mais

AUSTRALIAN OPEN

<http://www.ausopen.com/en_AU/players/overview/wwc000026.html>

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION

<<http://paralympics.org.uk/paralympicsports/wheelchair-tennis>>

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO

<<http://www.cpb.org.br>>

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS

<<http://cms.cbtenis.com.br/cms/site.aspx/historia-cadeira>>

COPA DAVIS

<<http://www.copadavis.com/news/182988.aspx>>

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE

<<http://www.paralympic.org/wheelchair-tennis>>

ITFTENNIS.COM

<<http://www.itftennis.com/wheelchair/home.aspx>>

MELLO, M.C.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

TEAM USA

<<http://www.teamusa.org/us-paralympics/sports/wheelchair-tennis>>